

NOMES PRÓPRIOS E O HUMOR AGRESSIVO NAS REDES SOCIAIS

PROPER NAMES AND AGGRESSIVE HUMOR ON SOCIAL MEDIA

Sírio Possenti (UNICAMP/CNPq/FES^{TA})¹

O meu nome é Severino, / não tenho outro de pia. / Como há muitos Severinos / que é santo de romaria / deram então de me chamar / Severino da Maria (João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

Resumo: Este artigo apresenta um conjunto de piadas que funcionam basicamente segundo o seguinte procedimento: ler um nome próprio como se não designasse um indivíduo, mas como se fosse um enunciado de tamanho variável que se refere a classes de indivíduos, a ações, que são declarações. Por exemplo, “Eu pinto paredes; o Jânio Quadros”, “Lima Maria” (lhe mamaria), “Jorge, O Ringo Star?” (O Ringo está?) etc. Em geral, ocorrem pequenas alterações de sons ou diferentes separações das sequências (star / está), obrigando o leitor a descobrir outro enunciado sob um enunciado que é ou parece ser um nome próprio, o que implica teorias da leitura que vão além da relação som-letra. Às vezes se trata de uma piada inocente, mero jogo de linguagem. Em outros casos, pessoas ou grupos são objeto de derrisão.

Palavras chave: nomes próprios, humor, redes sociais.

Abstract: This article presents a set of jokes that basically work according to the following procedure: reading a proper name as if it did not designate an individual, but as if it were a statement of variable length that refers to classes of individuals, to actions, or statements. For example, “I paint walls; Jânio Quadros”, “Lima Maria” (lhe mamaria), “Jorge, O Ringo Star?” (Is Ringo in?) etc. In general, there are small alterations of sounds or different separations of sequences (star / está), forcing the reader to discover another utterance under a utterance that is or seems to be a proper noun, which implies theories of reading that go beyond the relationship sound-letter. Sometimes it is an innocent joke, a mere language game. In other cases, people or groups are the object of derision.

Keywords: proper names, humor, social media.

Resumen: Este artículo presenta un conjunto de chistes que funcionan básicamente según el siguiente procedimiento: leer un nombre propio como si no designara a un individuo, sino como si fuera un enunciado de extensión variable que se refiere a clases de individuos, a acciones, o que son declaraciones. Por ejemplo, “yo pinto paredes; Jânio Quadros”, “Lima Maria” (lo amamantaría), “Jorge, O Ringo Star?” (¿Está Ringo?), etc. En general, existen pequeñas alteraciones de sonidos o diferentes separaciones de secuencias (star/está), obligando al lector a descubrir otro enunciado bajo un enunciado que es o parece ser un nombre propio, lo que implica teorías de lectura que van más allá de la relación sonido-letra. A veces es una broma inocente, un mero juego de lenguaje. En otros casos, las personas o grupos son objeto de escarnio.

¹ Professor Titular no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador Produtividade do CNPq e Coordenador do Grupo de Pesquisa FES^{TA} (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise). Email: siriop@terra.com.br

Palabras clave: nombres propios, humor, redes sociales.

Introdução

Muito já se disse sobre o humor ser universal (e, também, sobre ser cultural e “da paróquia”) e como as próprias línguas, de diferentes maneiras, funcionam, elas mesmas, como objeto humorístico (cf. POSSENTI, 2010a). Os nomes próprios são matéria exemplar para ilustrar essa tese, como se vê no caso de supostas “adaptações” entre a semântica de uma língua e a pronúncia de outra, como na charada seguinte (cf. POSSENTI, 2010a, p. 57):

Uma quadrilha japonesa assaltou um banco e seus integrantes foram descobertos e presos. Como se chamavam esses ladrões? Sartaro Banko, Rombaro Kaxa, Entraro Nakombi, Fugiro Kanota.

É também bastante comum que nomes e sobrenomes sejam dispostos de modo a sugerir uma condição, uma situação, um fato. O humor depende de um tópico característico aludido, tal como fez um célebre grupo de humor da imprensa e TV brasileira, nos anos de 1990, cujo personagem “gay” se chamava *Jacinto Leite Aquino Rego* (para ler “já sinto leite aqui no rego”)

Neste texto, vou seguir nessa direção e tratar de humor ligado a nomes próprios, explorados de diversos pontos de vista, com ênfase em diferentes maneiras de ler a sequência de que são formados: só um nome, só um sobrenome ou determinada composição dos dois (que podem ser mais de dois, como é comum). Sendo linguista, vou privilegiar a descrição da maquinaria verbal, evocando eventualmente uma sociologia e uma história sumárias.

1 Algumas considerações teóricas

Na escola, que estuda resumos de gramáticas nos manuais, aprende-se que nomes próprios se aplicam a objetos tomados individualmente (BECHARA, 1999). Exemplos típicos são nomes de pessoas (João) e topônimos (Brasil) e, menos comumente, siglas como INPE e UFRN. Embora isso esteja implícito e seja do conhecimento de todos, nunca se acrescenta, como fez Severino e como fazem os documentos de identidade, que a designação individual compreende nome(s) e sobrenome(s), e, ainda mais, o nome dos pais e o local e data de nascimento. Muito menos se consideram questões culturais como preferir nomes de santos ou estrangeiros (com grafias diversas), nomes de artistas ou de atletas, quando não a repetição do nome do pai ou do avô. Pensando bem, esse assunto é introduzido especialmente para justificar uma regra de uso da letra maiúscula. O que não se faz com os nomes de pessoas também não se faz com topônimos: nesses manuais, Brasil é só Brasil, nunca República Federativa do Brasil, nome oficial do país.

Não vou discutir a questão semântica nem a filosófica dos nomes próprios. Apenas assinalo que, segundo Cabrera² (2003), há duas teorias principais relativas ao tema: uma é a descritiva, derivada da teoria da referência de Frege, segundo o qual a referência, função fundamental do nome próprio, “capaz de captar um objeto singularmente determinado” (2003, p. 9), passa pelos sentidos, isto é, pelos diversos modos de apresentação. Ao nome “Aristóteles”, por exemplo, associam-se expressões como “professor de Alexandre”, “autor da Retórica”; a “Vênus”, exemplo muito citado,

² Em prefácio a Brito (2003), que trata da questão longamente, em livro derivado de sua tese de doutorado.

associam-se “Estrela da Manhã” e “Estrela da Tarde”. A outra teoria, proposta por Kripke, advoga que o nome próprio tem uma referência direta (2003, p. 8)³. O mesmo texto de Cabrera (2003) me permitiu conhecer duas notáveis metáforas oriundas da pesca, propostas por Susan Haak, que resumem estas duas teorias: a *concepção-rede* e a *concepção arpão* (p. 10), que resumem, respectivamente, as teorias de Frege e de Kripke.

Na obra em que Freud (2017[1905]) tratou do humor, o destaque foi para as técnicas das piadas. Uma dessas técnicas, a condensação, consiste basicamente no fato de que uma sequência tem mais de um sentido (ver dois exemplos abaixo), permitindo uma economia psíquica. Um exemplo popular que o autor talvez incluísse em sua obra é “Corto cabelo e pinto” (que aparece em placas de estabelecimentos que oferecem serviços), no qual o termo “pinto” pode ser uma forma do verbo “pintar” e também o nome popular do pênis, sendo essa ambiguidade (essa sacada) a responsável pelo efeito de humor.

Depois de descrever longamente o famoso chiste com “familiarmente”, Freud (2017[1905]) acrescenta outros exemplos da técnica de condensação. Destaco dois, pelo fato de “analisarem” nomes próprios:

(a) “Um jovem foi introduzido num salão parisiense como parente do grande Jean-Jacques Rousseau, cujo nome também portava. Além disso, ele era ruivo. Ele se comportava de maneira tão inapropriada, porém, que a dona da casa disse ao homem que o introduzira, em tom crítico: *Vous m'avez fait connaître un jeune homme roux et sot, mais non pas un Rousseau*” (FREUD, 2017 [1905], p. 46).

(b) Num baile, referindo-se aos compatriotas da moça com quem dançava, Napoleão lhe perguntou: *Tutti gli italiani danzano si male* (todos os italianos dançam assim mal?). *Non tutti, ma buona parte* (não todos, mas uma boa parte), ela respondeu (FREUD, 2017 [1905], p. 48).

Intuitivamente, sabe-se bem o que acontece nesses casos: no primeiro, um nome (um sobrenome, na verdade), que designa um indivíduo ou uma família, conforme o contexto, é tomado como se fosse decomponível em duas palavras comuns, já que suas duas sílabas coincidem (na pronúncia) com dois adjetivos: Rousseau = roux / sot. É o que permite à dona da casa rebaixar o jovem, atribuindo-lhe dois predicados que, numa certa sociedade, são derrisórios: ser baixo e ser ruivo. Mas essa é uma questão de conteúdo do chiste. Interpretada literalmente e como mera declaração da senhora, esta seria apenas uma afirmação um pouco grosseira sobre o convidado. Mas, considerando-se a coincidência entre *Rousseau* e *roux – sot*, tem-se o que se pode considerar uma “sacada” surpreendente, uma intervenção espirituosa, sobre uma sequência linguística. Segundo outro olhar, seria mais um exemplo de equívoco, isto é, do fato de que uma língua não funciona como um código, uma prova a mais de que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, [de] se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, segundo a formulação de Pêcheux (1990 [1983], p. 53).

No segundo caso citado, revela-se que o sobrenome do famoso general e político tem uma espécie de sentido oculto, que é revelado por sua divisão em duas palavras operada pela jovem, que assim se vinga, talvez de alguma impertinência, talvez do fato de que seu par na dança é um invasor. De certo ponto de vista, não importa se a agressividade da jovem se deve a razões pessoais ou a razões políticas: importa mais a manobra espirituosa que ela operou de improviso.

³ A obra discute as vantagens e as dificuldades de ambas as teorias.

⁴ A senhora me fez conhecer um jovem ruivo (roux) e baixo (sot), mas não um Rousseau.

2 Mais alguns casos

É bastante popular uma lista que constrói um jogo peculiar: brevemente, consiste em tomar um sobrenome, sempre ligado a um nome conhecido, a uma pessoa pública, não como designador de uma família à qual pertence o indivíduo em questão, mas como referindo-se a objetos (ou a uma classe): Vejam-se os seguintes exemplos:

- Eu crio frango, o Magalhães Pinto.
- Eu gosto de laranja, o Negrão de Lima.
- Eu pinto paredes, o Jânio Quadros.
- Minha casa é de madeira, a do Adhemar de Barros.

Considerando-se a origem histórica dos sobrenomes, alguns denotam profissões, como Butcher (açougueiro) e Schumacher (sapateiro), outros, características individuais ou de família, como Negri, Bianchi. Mas isso se perdeu. Assim, a relação com as coisas ou qualidades⁵ que os motivaram desapareceu, embora em outros contextos (vendi dois quadros) ela evidentemente continue funcionando. Isto é, como parte do nome próprio, “Pinto”, “Quadros” etc. não denotam o que tais palavras denotam em contextos comuns. O efeito humorístico decorre do fato de que a brincadeira consiste em recuperar aquela designação (“pinto” = ‘pinto’ etc.), o que se torna possível pela colocação desses nomes em determinadas estruturas sintáticas. No primeiro caso, por exemplo, tal estrutura opõe ‘frango’ a “pinto”, o que leva à leitura desta palavra como denotando um filhote de galináceo.

Nesses exemplos, há pequenos detalhes sintáticos a serem considerados. Por exemplo, em “*Eu pinto paredes e o Jânio Quadros*”, a sequência “Jânio Quadros” viola, digamos, a regra que manda colocar uma vírgula depois de Jânio, que substituiria o verbo “pinta”, já que a segunda parte da sequência significa que ‘Jânio pinta quadros’, com o que este sobrenome deixaria de exigir maiúscula inicial (a mesma análise se aplica ao primeiro exemplo). Mas o humor tudo perdoa...

Eventualmente, esse jogo explora outra categoria gramatical, como no caso “*Eu não vou furar; o Juca Kfourí*”. O sobrenome Kfourí é lido “que fure”, seguindo regras fonológicas conhecidas (epêntese de [e / i] depois de sílabas travadas por obstruintes, como [k], e variação entre [e / i] na sílaba final átona). Neste caso, não se trata de duas nomeações, mas de duas ações (furar), uma delas atribuída a Juca, recuperada pela repetição. A mesma estrutura se repete em, por exemplo, *Fulana não quis fazer a novela, mas a Cássia Kiss*, lendo-se Kiss, obviamente, como “quis”.

Segue procedimento similar o seguinte meme, colhido nas redes sociais (a diferença é que se trata de um sobrenome tomado como adjetivo): “Quentin” é o nome de famoso cineasta americano, cuja fotografia aparece à esquerda. Ele pergunta a uma vendedora de comida de rua se o pão de queijo (típico produto mineiro) “saiu agora”. A resposta “TÁ QUENTIN” deve ser entendida como “está quentinho”, uma das maneiras de informar que o produto acaba de ser fabricado. A grafia “quentin” reproduz uma das formas mais característica do dialeto mineiro (passe a generalização!) que consiste em alterar o diminutivo “inho” para “in”, fazendo, nesse caso, que a palavra coincida com o nome do artista (na escrita, porque sua pronúncia é “qüÉntin”, uma paroxítona, diferentemente da oxítona do “mineirês”).

⁵ Gilberto Gil contou em entrevista as dificuldades que teve para registrar sua filha como nome Preta. Diziam-lhe que não era um nome, ou que era estranho, ao que ele retrucou que, se há pessoas que se chamam Rosa ou Branca (e mesmo Bianca), por que não poderia haver uma chamada Preta?

Figura 1



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/283375001547760549#imgViewer>

Nas duas piadas seguintes, um nome / sobrenome complexo é lido como uma frase, ou o contrário:

Conheci uma família tarada por dirigir. O pai acordava e saía de jipe, a mãe acordava e saía de carro, o filho acordava e saía de caminhão, a filha acordava e saía de caminhonete. - Qual é a família? Passos Dias Aguiar.

“Passos Dias Aguiar” pode muito bem ser um nome de família. Mas, nesta piada, espera-se que seja interpretado como “passa os dias a guiar”. As diferenças fundamentais, se se quisesse explicitá-las, são: a “crase” de “passa os” > “passos” e a divisão do nome “Aguiar” em “a guiar”. O sobrenome coincide com uma verdadeira frase que apresenta um hábito da família.

O homem foi para o cartório e disse que queria registrar seu filho. – Qual é o nome? –Edson. – Quando nasceu? – Ainda não nasceu. – Então, quando ele nascer o senhor vem e registra. Tempos depois, o homem voltou ao cartório e repetiu que queria registrar seu filho. – Qual é o nome? –Edson. – Quando nasceu? – Ainda não nasceu. – Então, quando ele nascer, o senhor vem e registra. O repetiu isso durante vários meses, e ouvia sempre a mesma recomendação. Até que um dia entrou no cartório e disse que queria registrar seu filho. – Qual é o nome dele? – Pelé. – Mas não era Edson? – Edson era antes do nascimento.

“Edson Arantes do Nascimento” é o nome do atleta conhecido como “Pelé”. Para que a “equivalência” seja obtida, é preciso “fazer coincidir” duas sequências um pouco diferentes, um pouco mais do que ocorre na piada anterior: “era antes” > Arantes.

É bem semelhante a esta manobra a que ocorre na “história da família Pinto”, que inclui etapas como “2 anos – Inácio Pinto (nasce o pinto); 10 anos – Jacinto Pinto (já sinto o pinto); 60

anos - Caio Pinto (cai o pinto); cima de 70 anos – Serafim do Pinto (será o fim do pinto), com alusões bastante óbvias à “vida sexual” de homens da família (extensiva a todos, de fato).

O antigo site humorístico *www.humortadela.com.br* incluía uma seção chamada PLAQUINHAS, que mostrava PLACAS (do tipo das postas em portas de salas comerciais) indicativas de profissões. Por exemplo, ANA LISA – Laboratório (analisa); MARCOS DIAS – Calendários (marco os dias); OLAVO PIRES – Balconista (eu lavo pires); H. LOPES – Equitação (a galopes).

Estes exemplos se inscrevem em uma série que o conhecido humorista Zé Simão chamava de predestinados. Alguns casos podem ser ouvidos digitando “Zé Simão – predestinados” no Google. Nos links aparecem recortes de um programa da Rádio Bandeirantes. Nomes indicariam profissões ou características a elas associadas. Alguns exemplos: um urologista chamado Máximo Pinto, um ginecologista chamado Ari Toledo das Dores (que embute certo estereótipo), motorista envolvido em acidente de sobrenome Barbeiro etc. Há não muito tempo, houve um juiz do Supremo Tribunal Federal cujo nome era Carlos Alberto Menezes *Direito...*

Esse tipo de humor se inscreve numa longa tradição. Nós a conhecemos do *Crátilo*, obra de Platão (2001[s/d]) que discute exatamente se os nomes são arbitrários ou motivados – para empregar uma terminologia moderna. Por exemplo, é adequado chamar a alguém de Hermógenes se não é filho de Hermes (p. 145)? A questão aparece no início do diálogo; mais tarde (p.179), a etimologia é refeita, e o leitor aprende que Hermes é, de fato, um “embelezamento” (sic) de *Eiremos*, que originalmente designa o deus que inventou o discurso (que deriva de *eirein* e *emesatofa* – lar e inventar).

De certa forma, embora menos claros para leitores que não conhecem nada de línguas semíticas, são ilustrativas as seguintes passagens bíblicas, por implicarem que nomes próprios têm sentido:

A virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emanuel, que quer dizer “Deus conosco” (Mateus, 1, 23).

Abraão já não será teu nome, e, sim, Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí (Gêneses, 17, 5).

O *Crátilo*, ao contrário da Bíblia, fornece explicações para o sentido dos nomes próprios (e de outras palavras). É um procedimento que lembra a tese da motivação relativa dos signos (SAUSSURE, 1974[1916], p. 152): “*vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau (...); o mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra simples *pera*”.

Nomes estrangeiros permitem leituras engraçadas, digamos. Talvez o melhor exemplo seja este: a autora do quadrinho, Laerte, descobriu nos nomes de três dos Beatles semelhanças com enunciados em português que lhe permitiram construir um diálogo entre o entregador de um bilhete e um membro do famoso quarteto, George: “O Ringo Starr” se lê “O Ringo está”, uma pergunta bem convencional em circunstâncias como a representada. “Paul MacCartney no correio” se lê “por uma carta no correio” e “Não deixa o John le-nonnn”, que se lê “não deixa o John ler, não”.

Figura 2



Fonte:

<https://www.facebook.com/memesaccessiveis/photos/a.121148251908024/120736861949163/?type=3&locale=pt-BR>

Semelhanças mais distantes da homofonia (sobre as quais o humor passa batido, recuperando-a), permitem jogos como o deste meme: - *Why can't Trump go to White House anymore? – Because is FOR BIDEN* (forbidden – proibido; for Biden – para Biden). O meme funciona melhor na escrita, apesar de pequenas diferenças (separação de palavras ou não; dois *dd* ou um só, [ay] ou [i]). Falada, a diferença é maior (inclui [ay] versus [i]), mas ela é tipicamente desprezada pelas piadas.

O fato de que conseguimos ler outro sentido em sequências semelhantes (sons / letras diferentes / semelhantes, diversas separações de palavras etc.) mereceria pesquisas neuropsicolinguísticas sérias. DEHAENE, 2012), infelizmente, não vai além de casos banais, como por que lemos “bico” mesmo vendo *bicc* (p. 62) ou porque há alguma dificuldade em ler palavras que mesclassem letras maiúsculas e minúsculas.

Divulgam-se correntemente, desacompanhados de qualquer formulação de problemas, textos como *Sem dúvida, você é capaz de ler e entender este texto com letras trocadas e palavras faltando* (Sem dúvida, você é capaz de ler e entender este texto com letras trocadas e palavras faltando). As letras de cada palavra estão fora da posição, sem seguir uma regra uniforme, mas cada palavra é preservada como tal – o que facilita sua identificação.

Raymond Queneau (1995[1947]) explorou mecanismos semelhantes em seu *Exercícios de estilo*, em especial em dois textos: num caso, seguiu regras anagramáticas para produzir um texto de fato muito mais opaco do que o texto que foi sem ponto de partida. *No S, naum roah de soamas* (no S, numa hora de amasso)... *um pito nuds sietienveis sona* (um tipo duns vinte e seis anos) *que suspoia* (que possuía) etc. Seguindo outro procedimento, a metátese, escreve *Um daí, pro volta do meoi-dai, na plafortama traisera de um ôbinus...* (Um dia, por volta do meio dia, na plataforma traseira de um ônibus...). É um jogo com o leitor, que deve lutar para atingir o prazer da descoberta... São exercícios que servem para o deleite, mas não são necessariamente humorísticos.

Millôr Fernandes reescreveu fábulas seguindo esta trilha, tornando às vezes a decifração bastante difícil, exceto pela possível familiaridade com a história e pela presença de alguns clichês.

Veja-se o início de *A raposa e o rode* (a raposa e o bode): *Por um asino do destar* (por um azar do destino) *uma rapiu caosa num pundo profoço do quir não consegual saiu*⁶ (FERNANDES, 2023).

Antes e imediatamente após o segundo turno das eleições presidenciais de 2022, circulou muito material de todos os tipos sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas. Evidentemente, havia duas posições: a dos que confiavam nelas e a dos que acreditavam (ou faziam de conta) que elas podiam ser manipuladas. Os textos que tratavam da questão eram variadíssimos, dos mais técnicos às meras afirmações ligeiras e sem fundamentação, eventualmente elaboradas de forma grosseira e derrisória.

Em outro trabalho, (POSSENTI, 2010b, p. 207), analisei uma série de versos de canções populares (“só confio nela = soco um filho nela”; “a calçada velha = a calça da velha” e de “empulhas” (que é como os gaúchos chamam certos tipos de pegadinhas). Por exemplo, “se levo 5 quilos de carne, dá pra vinte comer” (=vim / vir te comer), “você tem parente que tem terra” (=que te enterra”). São desse tipo os dados seguintes, com a diferença de que envolvem supostos nomes próprios.

Em algum momento, fez sucesso um “tuíte” que listava uma suposta nominata de “juristas e militares que confirmavam a fraude eleitoral”. O autor seria Antonio Tebet (conhecido nas redes como @antoniotebet).

Acontece que se tratava de uma lista de expressões chulas, apresentadas de forma a parecerem nomes próprios (maiúsculas etc.) que identificariam cidadãos de diversas origens nacionais, o que faz todo o sentido em um país de muitos imigrantes como é o Brasil.

Alguns dos nomes da lista são:

Benjamin Arrola

Dayde Costa

Diva Gina Berta

H. Romeu Pinto

Lima Maria

Oscar Aglio

Por que produzem humor? Porque se espera, em geral com sucesso, que tais “nomes” sejam lidos assim, respectivamente:

Beija minha rola;

Dei de costa(s);

De vagina aberta;

Agarra o meu pinto;

Lhe mamaria

Os caralho.

⁶ Uma raposa caiu num poço profundo do qual não conseguiu sair.

Como se pode ver, trata-se de construções em grande medida pornográficas. Alguém pode dizer que é por isso que provocam o riso, mas parece mais provável que ele seja resultado da técnica. Ou seja, a causa principal do riso seria a engenhosidade do humorista, que causa admiração (*admiratio*), da qual decorre o deleite (*delectatio*), conforme a doutrina de Fracastoro (cf. SKINNER, 2002), tese também defendida, muito sofisticada e detalhadamente, por Mezan (2005).

Conclusão

Tomando Freud como guia, poderíamos classificar as “piadas” em inocentes, agressivas e sexuais. São inocentes, entre outras, as da série “Pinto paredes e Jânio Quadros” e a do nome do Pelé e os jogos de Millôr e Queneau; são sexuais as empulhas, entre outras, além das citadas no final, que também são as mais claramente agressivas.

Do ponto de vista do “real da língua”, são casos de equívoco (um enunciado torna-se outro, como disse Pêcheux); do ponto de vista das teorias sobre causas do humor, o que mais chama a atenção é a surpresa que um enunciado provoca ao se descobrir que “sob as palavras” está outro discurso (um tema corrente em diversos campos, em especial quando se trata da ambiguidade). Também do ponto de vista de características do humor, chama atenção a agressividade, a derrisão. Sob a aparência de brincadeira, os destinatários do tuíte, por exemplo, são uma parte da população que vinha sendo caracterizada pelos adversários como “gado”, designação que implica ao mesmo tempo falta de autonomia na análise política (essa população se moveria em bloco, como um rebanho, tangido por seus líderes), sendo esta falta de autonomia fruto da ignorância (burrice). Essa burrice se manifestaria nestes dados pela possibilidade de que esta lista de “juristas e militares” fosse levada a sério, isto é, que o “verdadeiro” enunciado, escondido sob a aparência de um nome próprio, não fosse percebido ou descoberto.

Todos os exemplos, no entanto, se caracterizam por certos jogos “inteligentes” de linguagem, levando água para o moinho dos que defendem que o humor, mesmo sendo “análise” de questões sociais, mesmo sendo resistência, mesmo sendo agressão, é o que é por sua técnica.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

CABRERA, Júlio. O arpão e a rede: modos de pescar os objetos, In: BRITO, Adriano Naves. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: Editora da UnB, 2003, pp. 9-17.

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura; como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERNANDES, Millôr. A Baposa e o Rode. Disponível em <http://izabumba.blogspot.com/2006/07/baposa-e-o-rode.html>. Acesso em 16 de março de 2023.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 [1905].

MEZAN, Renato. Relendo “A piada e sua relação com o inconsciente”. In: SLAVUTZKY, Abrão e KUPERMAN, Daniel (orgs). *Seria trágico... se não fosse cômico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp.129-198.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Editora Pontes, 1990 [1983].
PLATÃO (2001[s/d]). Crátilo. In: *Teeteto e Crátilo*. Belém: Editora da UFPA, 2001 [s/d], pp. 143-226.

POSSENTI, Sírio. Humor e imaginário sobre línguas. In: *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Editora Contexto. 2010a. pp.51-70.

POSSENTI, Sírio. Duplo sentido em dois gêneros populares: eles só pensam naquilo In: *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Editora Contexto. 2010b. pp.91-101.

QUENEAU, Raymond. *Exercícios de estilo*. Tradução de Luiz Resende. Rio de Janeiro: Imago, 1995[1947].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974 [1916].

SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora da Unissinos, 2002.

Submetido em 05/05/2023

Aceito em 24/05/2023